

PENSAMENTO SOCIAL E POLÍTICO DE JOSÉ DE SOUZA MARQUES: TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM COMBATENTE PELAS TOLERÂNCIAS, INCLUSÃO SOCIAL E MOBILIDADES GEOPOLÍTICAS E TERRITORIAIS NO BRASIL

Paulo Baía¹

RESUMO: Estudar a dinâmica de vida e ações de um ator social quase anônimo como José de Souza Marques teve por objetivo amplo e universalizante compreender o combate às intolerâncias, a educação como via para cidadania republicana e mobilidade social. Pôr em evidência que a cultura da paz² é um valor indissociável da democracia, do republicanismo múltiplo, democrático e laico; e ainda, que o trabalho digno e produtivo é vetor de transformações sociopolíticas, assim como os empreendedorismos³ são como virtudes éticas, morais e políticas de uma práxis pessoal de um militante social, político, religioso e empresarial, que com ousadia, coragem cívica e audácia experimentalistas institucionais⁴, estabeleceu contatos com comunidades múltiplas e diversificadas por meio de narrativas, ações de fazer acontecer e um discurso político, empresarial, religioso e acadêmico que valorizava os fazeres e as práticas do cotidiano de grupos sociais, pessoas e territórios periféricos e/ou invisíveis pelas dominâncias discursivas, midiáticas e classificadoras⁵ de reconhecimento social e prestígio dos que dominavam a sociedade carioca, fluminense e brasileira de 1920 até 1974.

Palavras-chave: José de Souza Marques; Educação.

JOSÉ DE SOUZA MARQUES SOCIAL AND POLITICAL THOUGHT: A COMBATANT'S LIFE TRAJECTORY FOR TOLERANCES, SOCIAL INCLUSION AND GEOPOLITICAL AND TERRITORIAL MOBILITIES IN BRAZIL

ABSTRACT: Studying the dynamics of life and actions of an almost anonymous social actor like José de Souza Marques had the broad and universal objective of understanding the fight against intolerance, education as a way for republican citizenship and social mobility. To highlight that the culture of peace is an inseparable value of democracy, of multiple, democratic and secular republicanism; and yet, that decent and productive work is a vector of socio-political transformations, just as entrepreneurship is like ethical, moral and political virtues of a personal praxis of a social, political, religious and business activist, who with boldness, civic courage and audacity institutional experimentalists, established contacts with multiple and diverse communities through

¹ Sociólogo, Cientista Político, Doutor em Sociologia. Professor do IFCS/UFRJ. Contato: paulorsbaia@gmail.com, paulorsbaia@ifcs.ufrj.br CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0123426930185325>

² VEZZULA, J. C. *Teoria e prática da mediação*. Curitiba, J. C. Vezzula, 1998.

³ GUERREIRO RAMOS. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo* (prefácio a uma sociologia nacional). Rio de Janeiro, 1954.

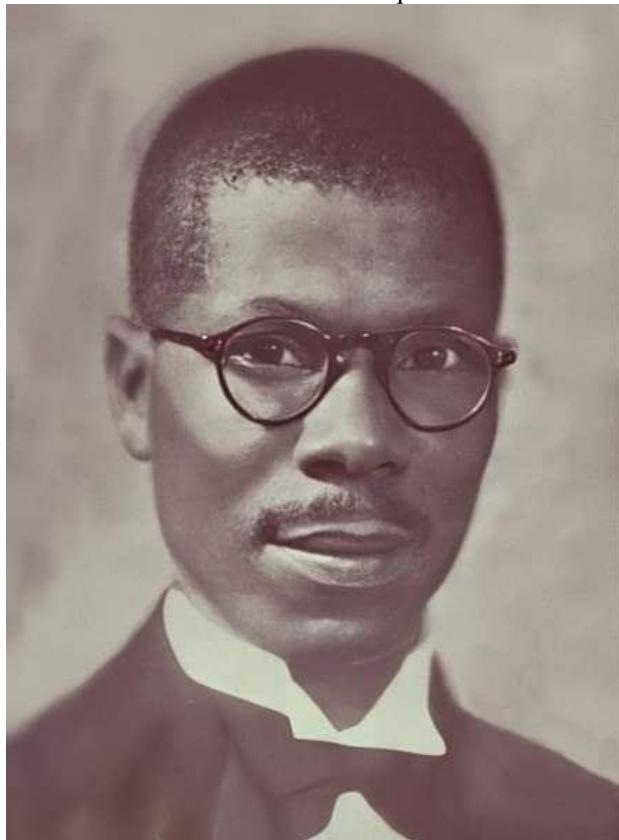
⁴ GUERREIRO RAMOS. Ib, Ibidem.

⁵ MELLO E SOUZA, L. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

narratives, actions to make things happen and a political, business, religious and academic discourse that valued the daily activities and practices of social groups, people and peripheral and / or invisible territories for the discursive, media and classifying dominance of social recognition and prestige of those who dominated Rio de Janeiro, Rio de Janeiro and Brazilian society from 1920 to 1974.

Keywords: José de Souza Marques; Education.

José de Souza Marques



Fonte: Acervo da família José de Souza Marques e da Fundação Técnico Educacional José de Souza Marques.

Estudar a dinâmica de vida e ações de um ator social quase anônimo como José de Souza Marques teve por objetivo amplo e universalizante compreender o combate às intolerâncias, a educação como via para cidadania republicana e mobilidade social. Pôr em evidência que a cultura da paz⁶ é um valor indissociável da democracia, do republicanismo

⁶ VEZZULA, J. C. **Teoria e prática da mediação** Curitiba, J. C. Vezzula, 1998.

múltiplo, democrático e laico; e ainda, que o trabalho digno e produtivo é uma ética e vetor de transformações sociopolíticas, assim como os empreendedorismos⁷ são como virtudes éticas, morais e políticas de uma práxis pessoal de um militante social, político, religioso e empresarial, que com ousadia, coragem cívica e audácia experimentalistas institucionais⁸, estabeleceu contatos com comunidades múltiplas e diversificadas por meio de narrativas, ações de fazer acontecer e um discurso político, empresarial, religioso e acadêmico que valorizava os fazeres e as práticas do cotidiano de grupos sociais, pessoas e territórios periféricos e/ou invisíveis pelas dominâncias discursivas, midiáticas e classificadoras⁹ de reconhecimento social e prestígio dos que dominavam a sociedade carioca, fluminense e brasileira de 1920 até 1974.

O estudo contribuiu para pensar variados e amplos eventos e comportamentos, como o papel que as lideranças locais, educadores, militantes sociais do cotidiano e ativistas anônimos desempenham e ajudam na formatação dos processos que constroem as identidades, memórias e representações coletivas de uma nacionalidade brasileira não padronizada e uniforme, mas plural, múltipla e diferenciada; percebi que não se pode falar em uma única nacionalidade brasileira com padrão totalizante no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro em particular, pois existem muitas nacionalidades e territórios em um só “Espaço Geopolítico”¹⁰ que desenvolvem papéis de multiplicadores de atitudes, comportamentos, valores, subjetividades, emoções, desejos e práxis em instituições como escola, igrejas não católicas, micro e pequenas empresas, associações comerciais e industriais suburbanas e nas lojas da maçonaria e outras de viés cultural e/ou esportivo, que se tornam em concretudes diferenciadas, transmutando-se em espelhos de numerosas e espalhadas comunidades locais e *loci* de informação, instrução e construção de uma cidadania periférica aos padrões de

⁷ GUERREIRO RAMOS. **Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo** (prefácio a uma sociologia nacional). Rio de Janeiro, 1954.

⁸ GUERREIRO RAMOS. Ib, Ibidem.

⁹ MELLO E SOUZA, L. **Desclassificados do ouro:** a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

¹⁰ BAÍA, P. **A tradição reconfigurada:** mandonismo local, municipalismo, lumpen-elite e cultura política (tese). Seropédica: UFRRJ, 2005.

“branquidez”¹¹, ibéricos, europeus, norte americanos e nacionais aristocráticos elitistas¹² e por via de consequência excludentes, ao longo da história da sociedade e do Estado no Brasil dos séculos XIX até o XXI.

Vereador no antigo Distrito Federal e depois Deputado Estadual no Estado da Guanabara, José de Souza Marques lutou desde seu primeiro mandato pela aprovação de projetos de lei que assegurasse o financiamento a estudantes carentes em todos os níveis, na alfabetização, no ensino básico, médio, técnico, superior e pós-graduação lato e estrito senso.

Como vereador do antigo Distrito Federal, Deputado Constituinte do Estado da Guanabara em 1960, principal aliado na campanha de Leonel Brizola para Deputado Federal em 1962 e um dos principais aliados do Deputado Federal Miro Teixeira a partir de 1969, José de Souza Marques foi um eficiente e estratégico construtor de institucionalidades cariocas, fluminenses e brasileiras dos anos 1940 até 1974, quando faleceu.

Como político era um ativista convicto, que agia de maneira gentil, bondosa e conciliadora. Era considerado por seus pares um sábio conselheiro. Essa característica fez com que José de Souza Marques, sem ser contra a construção da estátua do Cristo Redentor na Floresta da Tijuca em área da União Federal, articulasse um pacto de tolerância e respeito ao Estado laico e às demais religiões na cidade do Rio de Janeiro.

O Cristo Redentor foi inaugurado em 12 de outubro de 1931. Sua construção foi precedida de uma intensa controvérsia liderada por adeptos da Igreja Batista do Brasil, da Igreja Metodista do Brasil, de grupos de cidadãos sem religião definida e militares positivistas da ativa e da reserva que eram contrários à Igreja Católica Apostólica Romana, hegemônica e majoritária na época, e que até o início da República Federativa Brasileira em 1889 era a religião oficial do Brasil.

Apesar das controvérsias, o vereador do Distrito Federal José de Souza Marques, pastor da Igreja Batista Brasileira, liderou um acordo entre os diversos grupos de interesse e o Estado Nacional Brasileiro.

¹¹ RACHLEFF, P. “Branquidez”: seu lugar na historiografia da raça e da classe nos Estados Unidos. In: WARE, V. Branquidez: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, (org.) 2004, p. 97 – 114.

¹² MORSE, R. M. **O espelho de Próspero** - Cultura e idéias na América. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

Assegurou que o monumento ao Cristo Redentor fosse utilizado e administrado pela Igreja Católica Apostólica Romana, porém não fosse um santuário católico, mas um símbolo do humanismo cristão e universalista.

A engenharia política que teve José de Souza Marques como artífice perdurou até o Século XXI, quando por decreto papal e do Arcebispo do Rio de Janeiro de 12 de outubro de 2006 o monumento foi transformado em santuário.

Em 21 de novembro de 2007 o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio-ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – por intermédio de seu Superintendente Regional Rogério Rocco, ratifica o decreto papal e do Arcebispo do Rio de Janeiro de 12 de outubro de 2006, que é também referendado pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. O monumento humanista e universalista representado pela estátua de Jesus Cristo – um monumento à paz, à tolerância e ao humanismo laico da República tornou-se um santuário da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, por decreto papal e do Arcebispo do Rio de Janeiro referendado pelo Estado brasileiro.

Quero nessa reflexão pôr em evidência a relevância estratégica da trajetória política e existencial do ator social em foco, demonstrar a eficiência, eficácia e visão prospectiva que tinha no passado para combater todas as intolerâncias, todas as desigualdades sociais, geopolíticas e territoriais na cidade do Rio de Janeiro como capital da República e, por extensão, na totalidade do Estado Nação brasileiro.

Também demonstro que Souza Marques tinha *a priori* uma intencionalidade muito bem direcionada ao definir e pôr em prática sua ideias, ações e projetos, pois ele tinha plena consciência do contexto e da correlação de forças sociopolíticas em que se movia como minoritário e diferente.

Nessa reflexão sobre a trajetória de vida pública de José de Souza Marques, revisito o conceito de fricção interétnica, formulado por Roberto Cardoso de Oliveira, que entende fricção dessa forma: “.... duas populações, dialeticamente “unificadas” através de interesses diametralmente opostos, ainda que interdependentes, por paradoxal que pareça...” (OLIVEIRA, 1976).

O conceito de fricção interétnica de Roberto Cardoso de Oliveira teve como cenário e motivação a pesquisa “O processo de assimilação dos Terenás”, realizado no sul do Mato Grosso em 1955. A fricção como categoria de análise teve elevada influência nos anos 1960 e 1970. Era um contraponto às análises de natureza culturalista que trabalhavam com o conceito de aculturação e, portanto, submissão absoluta dos dominados aos dominantes.

A pergunta constituinte de Roberto Cardoso foi: como os Terenás continuavam se reconhecendo como índios em um contexto onde sofriam as mais variadas influências, dominações, humilhações, conflitos e negociações?

Tomo emprestado o conceito de fricção interétnica, ressemantizado nessa reflexão como fricção ou enfrentamento friccional, pois percebi que Roberto Cardoso de Oliveira deu visibilidade aos Terenás como indígenas com identidade própria, mesmo não sendo considerados índios pelo Estado e pela sociedade brasileira em expansão, envolvente, classificadora e dominadora; pois para o Estado brasileiro os Terenás eram considerados um grupo de indivíduos assimilados e aculturados plenos à sociedade brasileira envolvente, eram “brasileiros pobres e bugres” e não mais índios. Mas ainda assim, eles, os Terenás, se autodefiniam como índios e TERENAS, tornando-se um grupo que fugia “ao interesse do etnólogo clássico, interessado precisamente naqueles grupos intocados que melhor conservam as singularidades da cultura tradicional” (OLIVEIRA, 1976). O grupo porém chama muito a atenção dos analistas sociais que percebiam novidades e uma cultura de resistência no cotidiano de oprimidos, humilhados e pobres em um Brasil emergente como nos anos 1950, 1960 e 1970.

O interesse em aculturação e submissões, por parte dos cientistas sociais brasileiros, foi e ainda é fortemente influenciado pelo culturalismo norte-americano; que teve origem – enquanto escola/paradigma – na década de 30 com as formulações, pesquisas e trabalhos de Franz Boas, lembrando que Franz Boas orientou Gilberto Freyre na elaboração de Casa Grande e Senzala como tese de doutorado.

O conceito de fricção ressematizado por mim nessa pesquisa sobre o experimentalismo institucional praticado por José de Souza Marques enfatiza que as populações periféricas, favelados, suburbanos e/ou diferenciados territorialmente não devem ser analisados como

uma totalidade fechada e auto-explicável, e sim em suas múltiplas relações com a sociedade brasileira em expansão permanente e dominante, que os submetem como populações e grupos – territorialmente, politicamente e simbolicamente.

Dominados, descaracterizados, mas ainda assim esses grupos estigmatizados e hegemônizados conseguem manter um elevado senso de identidade como grupo de pertencimento, referência existencial e resistência. Passam a circular empoderados em dois ou mais “mundos”, e por mais paradoxal que possa parecer, as fricções os fortalecem como indivíduos e grupos, pois são a um só tempo grupos de pertencimento e resistência aos dominantes e participantes das atividades da sociedade brasileira, que os envolvem com sua cosmovisão e práticas dominantes.

Não me surpreende que as múltiplas intolerâncias dos segmentos elitistas e hegemônicos da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil estabeleçam um ostracismo perverso para com a memória de José de Souza Marques: essas elites não poderiam admitir que um negro suburbano tivesse projetado e consolidado no tempo presente suas ideias e seus projetos, via enfrentamento friccional¹³ institucionalizado e pacífico às intolerâncias e conseguido, mesmo depois de seu falecimento em 1974, estabelecer mecanismos políticos de Estado que concretamente asseguram uma rápida e consistente ascensão social em todo o Brasil.

Esse esquecimento é assimétrico ao tempo passado, em que José de Souza Marques firmou-se e foi reconhecido como um ator social importante, com capacidade política e densidade eleitoral para ser o principal aríete na eleição de Alberto Guerreiros Ramos (1962), Leonel de Moura Brizola (1962) e Miro Teixeira (1970) Deputados Federais.

No campo da educação as propostas de Souza Marques são semelhantes as que foram adotadas pelo Presidente Lula ao implantar o PROUNI, os novos mecanismos do FIES e o SISU¹⁴.

¹³ OLIVEIRA, R. C. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terenás. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

¹⁴ PROUNI – Programa Universidade para Todos; FIES – Fundo de Financiamento Estudantil e SISU – Sistema de Seleção Unificada.

José de Souza Marques mantinha intensas relações políticas com Martin Luther King e demais líderes negros das religiões cristãs não católicas nos Estados Unidos, alinhando seu discurso no Brasil à luta por direitos de cidadania, a educação em caráter permanente e pública, as liberdades individuais, coletivas e difusas e uma reforma urbana que democratizasse as formas de transporte coletivo e moradia, em um país que já nos anos 1920 até 1950 indicavam uma tendência à urbanização acelerada.

Para Souza Marques, o conceito de público estava vinculado à tradição social e política dos Estados Unidos da América, onde público é tudo aquilo que interfere ou tem relação com a sociedade e/ou grupos sociais. Assim, para os americanos existem vários níveis do que é público, não havendo uma distinção entre as atividades de estado, governos, entidades não governamentais e instituições/empresas privadas. Existem atividades privativas de Estado, como o controle e o monopólio das Forças Armadas e dos diversos sistemas de informação e contrainformação, com o objetivo de assegurar a soberania e ordem social, política e territorial pelo Estado. Exemplos desse tipo de atividade de Estado são as agências como a CIA, o FBI, as agências reguladoras do meio-ambiente e outras similares.

No Brasil, a República em 1889 consagrou o conceito de público como atividades de Estado e Governo muito amplas e quase universais, tanto que público no Brasil republicano é quase um sinônimo de governamental e/ou estatal. Contudo, a Constituição de 05 de outubro de 1988 o conceito de público se diversificou, ampliando-se para quatro categorias: o público Estatal, o Governamental, o Não Governamental (ONGs) e o Privado (as PPP, parcerias público-privadas). Esta reconceituação da ideia de público e sua introdução no ordenamento jurídico brasileiro em outubro de 1988 é regulamentada pelas reformas do Estado brasileiro realizadas no governo Fernando Henrique Cardoso, sob a égide do cientista social Luiz Carlos Bresser Pereira como Ministro do MARE – Ministério da Administração e Reforma do Estado era uma antiga ambição política de Souza Marquês como legislador e militante social.

O Brasil do tempo presente tem sua estrutura e atividades assentadas na concepção de um público Estatal, um público Governamental, um público Não Governamental e um público Privado, como José de Souza Marques já compreendia, e lutava por essa ideia em

todas as práticas, ações e atividades no Brasil, principalmente na educação. Essa noção de público ampliada também é encontrada em Anísio Teixeira, Álvaro Vieira Pinto, Victor Nunes Leal e Alberto Guerreiros Ramos, interlocutores permanentes de José de Souza Marques.

José de Souza Marques tinha um entendimento pessoal do trabalhismo, para ele o trabalhismo e o PTB tinham um significado pragmático para sua militância político-social.

O PTB era visto por ele como uma instituição desprovida de um projeto republicano, indefinido e sem objetivo permanente para a sociedade brasileira de forma totalizante.

Souza Marques não pensava o trabalhismo como uma ideologia ou uma teoria política, como o trabalhismo inglês e a social democracia alemã o tinham, mas uma práxis de resistência¹⁵, mobilidade e ascensão social via mobilização popular e conquista do Estado e/ou segmentos dele. Para ele o PTB não se distinguia em quase nada dos demais partidos em suas práticas eleitorais e de governo, sobretudo o PTB de Getúlio Vargas.

Mas para Souza Marques existia no PTB como um todo – e de forma mais particularizada em Leonel Brizola, João Goulart, Guerreiro Ramos e Alberto Pasqualini – um diferencial constituinte, que era o ideário solidarista¹⁶ e de mobilidade social via educação de qualidade e trabalho honesto, base da teologia de Martinho Lutero¹⁷.

Para ele também pesava a favor do trabalhismo do PTB a vaga e imprecisa convicção de que os trabalhadores, os produtores e pobres tinham que ter supremacia na Sociedade, no Estado e nos Governos em contraposição friccional às elites ociosas “rentistas”. E que toda propriedade e governos têm que possuir funções sociais vinculadas a pôr fim às injustiças e intolerâncias, assim como todos os governos, propriedades e capital tem que ter um elevado grau de utilitarismo para a Sociedade como um todo e para com os indivíduos em particular.

¹⁵ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

¹⁶ Solidarismo foi uma tese e prática política desenvolvida por Leonel de Moura Brizola como jovem líder estudantil na Faculdade de Engenharia no Estado do Rio Grande do Sul. Por solidarismo Brizola entendia uma radical opção a favor dos pobres e desvalidos, com políticas de governo e de Estado que tinham a educação, o trabalho, a geração de renda e uma reforma urbana como questões fundamentais para a promoção da igualdade social e o estabelecimento de relações republicanas no Brasil do século XX. Leonel de Moura Brizola leva essa tese para o PTB e é eleito vereador na cidade de Porto Alegre – RS defendendo esses princípios.

¹⁷ LUTERO, M. e CALVINO, J. *Sobre a autoridade secular*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

Essas ideias ele incorpora dos textos e ideários de Max Weber, Stuart Mill e Alexis de Tocqueville¹⁸ e na constituição dos EUA.

As ideias e conceitos de José de Souza Marques tinham um liame de aço com o ideário e conceito de SOLIDARISMO desenvolvido pelo jovem líder estudantil Leonel de Moura Brizola.

Como o trabalhismo do PTB não tinha uma hegemonia doutrinária, com habilidade de estrategista José de Souza Marques percebeu que a fragmentação ideológica, política, de práticas e ações do trabalhismo no PTB o permitiriam exercitar com autonomia um experimentalismo institucional, pessoal, legislativo e governamental com a intencionalidade de “transportar”, via mobilidade social, centenas de milhares de seres humanos pobres, discriminados e vitimizados pelas intolerâncias para os lugares e cenários respeitáveis e hegemônicos do Estado Brasileiro, assegurando a eles a realização de suas demandas por direitos e reconhecimentos políticos¹⁹, sociais e como seres humanos, mesmo que amontoados nas periferias invisíveis do que era considerado mundo da vida²⁰ dos refugiados humanos naquele período histórico. Um trabalhismo utilitário, humanista, includente e patrocinador da felicidade²¹ dos cidadãos via educação de qualidade, trabalho digno, plena liberdade de expressão, imprensa, manifestação e organização, via um republicanismo arraigado em um Estado completamente laico.

É necessário evidenciar que Souza Marques era um militante de grupos sociais caracterizados por uma identidade social e geopolítica fragilizada e por redes de sociabilidades de indivíduos territorializadas em bairros populares e favelas e, ainda, de pessoas estigmatizados por serem minorias e/ou diferentes como os da religião Batista, Metodista, Luterana e/ou judeus. Ou seja, o estamento social dos desclassificados sociais era o eixo central da práxis política de Souza Marques. Suas ações aconteciam nas sociedades

¹⁸ WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004; MILL, J. S. Utilitarismo. São Paulo, Gradiva Publicações, 2005; TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. Livro 1 – Leis e Costumes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁹ HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

²⁰ SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

²¹ DANTAS, A. R. **A construção social da felicidade**. Lisboa, Edições Colibri, 2012.

periféricas, dando consistência institucional e política a elas – através da utilização pragmática do PTB, do Estado e dos mecanismos governamentais como vetores dirigidos para o empoderamento da sociedade dos excluídos como combatentes institucionalizados contra as intolerâncias. Souza Marques não era um militante partidário, era um ativista social contra as injustiças e pelas mobilidades sociais.

José de Souza Marques acreditava no potencial transformador radical de uma boa educação e do trabalho honesto e digno para o “povo” como principal vetor de mobilidades e ascensões sociais na sociedade carioca, fluminense e brasileira; vinculou sua militância político-partidária às teses do solidarismo lideradas no PTB – Partido Trabalhista Brasileiro – por Leonel Brizola e João Goulart, amalgamadas por ele com ética protestante de Max Weber e as teologias de Ètienne de La Boetie²², Martinho Lutero, Santo Agostinho, São Francisco de Assis, Mahatma Ghandi e Martin Luther King. Por mais paradoxal e anacrônico que possa parecer, a práxis política de Souza Marques ganhava solidez e coerência pelas ações de experimentalismos institucionais e propostas legislativas, pois criava grupos de sólido pertencimento, auto reconhecimento e institucionalizados nas periferias; portanto, grupos de fricção com os hegemônicos sociais e geopolíticos da cidade do Rio de Janeiro e no território brasileiro em sua totalidade.

A cidade do Rio de Janeiro é um território múltiplo, fragmentado, um território que é a um só tempo uma totalidade e múltiplas cidades em disputa ou em complementaridade. Ou seja, existem muitos Rios de Janeiro no mesmo espaço e tempo. Assim, utilizei os conceitos de Gizlene Neder de cidade europeia que vai se americanizando e cidade quilombada para dar visibilidade aos invisíveis da história, como muitas favelas e bairros populares periféricos.

A cidade quilombada, segundo Gizlene Neder, não é um território que foi no passado um quilombo, mas espaços sociais e territoriais onde os arranjos sociais, políticos e afetivos são bastante diferentes dos padrões da cidade europeia que vai se americanizando, e é a referência dominante na definição do que é o Rio de Janeiro. Para Gizlene Neder a cidade

²² LA BOÉTIE, E. **Discurso da Servidão Voluntária**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

quilombada tem suas regras, seus arranjos sociopolíticos, afetivos, emocionais e territoriais em contraponto aos padrões dominantes da cidade europeia que se americaniza.

Estes contrapontos são múltiplos e podem representar conflitos ou complementaridades subalternas. Os habitantes de uma favela e/ou de um bairro popular periférico possuem uma dupla hermenêutica, pois tem que circular em seu território de moradia e ao mesmo tempo, como trabalhador e/ou desocupado, circulam na cidade europeia que se americaniza. Para tal constroem para si mesmos ‘*personas*’ diferentes, uma para sua *performance* na cidade europeia/americana e outra para os territórios quilombados.

Os habitantes da cidade europeia/americana formatam suas ‘*personas*’ para os cenários europeus/americano dominantes. Esses habitantes não necessitam criar papéis sociais para circular nos bairros populares periféricos e/ou favelas, pois estes espaços estão fora de suas existências. Já os favelados e os habitantes dos bairros populares periféricos pertencem aos dois territórios, o que exige deles a construção de personagens diferenciados em função do território em que estão circulando.

Como pesquisador, incorporo a análise de Gizlene Neder nesse estudo, porém também denomino as favelas e bairros periféricos de “segundas cidades” e a cidade europeia/americana como “primeira cidade”, pois essa é a cidade definida como Rio de Janeiro, enquanto que os demais territórios são estigmatizados pelas invisibilidades ou pela retórica de que são locais de vândalos e bandidos.

Assim, defino o território da cidade do Rio de Janeiro como múltiplo, hierarquizado e fragmentado, já que para os moradores desses espaços existem de fato duas cidades²³, em particular para os favelados e moradores das periferias. Existem atitudes e comportamentos distintos para cada totalidade da cidade do Rio de Janeiro, o que cria tensões e gera habilidades performáticas de favelados e periféricos extremamente complexas e criativas, pois estes atores sociais devem ser europeus/americano ao mesmo tempo em que são favelados e periféricos, com arranjos sociais, políticos e afetivos em contraponto perene em suas vidas cotidianas. Incluo ainda os “não locais”, que chamo também de “não cidades”; são territórios dos totalmente desvalidos e miseráveis como os lixões, várzeas de rios e as

²³ Conforme o cineasta e professor Nelson Pereira dos Santos nos filmes Rio 40 Graus e Rio Zona Norte.

periferias das periferias. Os moradores dos lixões são um exemplo emblemático da não cidade.

José de Souza Marques foi um artífice de pontes, incentivando e formando cidadãos com livre trânsito em todas as cidades do território da cidade do Rio de Janeiro e de todos os territórios brasileiros.

Retomando a ideia de trabalhismo construída pragmaticamente por Souza Marques para ele e seus seguidores em ativismo social e/ou no PTB/MDB, posso afirmar com absoluta convicção empírica e teórica que era o evangelho interpretado por Marinho Lutero sua doutrina âncora para um “antropofagismo” tropical modernista no campo político e teológico, que lastreava suas ações como ativista social na Cidade do Rio de Janeiro e para o conjunto da sociedade brasileira contra as intolerâncias, as injustiças e pela laicidade do Estado republicano.

Pode-se afirmar que, além do PROUNI, do FIES e do SISU adotados pelo Presidente Lula, a ideia da Universidade da Integração Latino-Americana – UNILA, com sede em Foz do Iguaçu e com objetivo de acolher estudantes de todas as Américas como forma de diminuir assimetrias e mediar conflitos e crises na América Latina, encontra apoio nas ideias políticas e sociais de José de Souza Marques já formuladas a partir de 1950 até 1974, data de seu falecimento.

O programa de crédito educativo (PCE) foi criado em 23 de agosto de 1975 pelo então Presidente Ernesto Geisel, que não era católico, mas luterano. Este programa foi transformado, em 1999, pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso no Programa de Financiamento Estudantil – FIES – que, com adaptações, está em vigor até hoje como instrumento e mecanismo de governo complementar ao PROUNI.

Ernesto Geisel leu os projetos de José de Souza Marques, que lhe foram enviados pelo Senador Petrônio Portela e pelo Ministro da Justiça Armando Falcão.

O programa de crédito educativo do Presidente Geisel tem 80% de semelhança com o projeto de José de Souza Marques. Já o PROUNI, o FIES reestruturado do governo Lula e o SISU são 100% semelhantes às propostas de José de Souza Marques.

O empreendedorismo experimentalista, associado a uma efetiva ação de fundar instituições coletivas, como igrejas, escolas, associações e cooperativas, bem como apoiar e incentivar todo e quaisquer empreendimentos lícitos individuais, micros, médios e/ou familiares na Zona Norte, na Baixada de Jacarepaguá, área da Leopoldina, Zona Oeste pobre e Baixada Fluminense fez com que as ideias de Souza Marques no campo do produtivismo e do trabalho também se catapultassem do passado para o tempo presente. Souza Marques entendia que o empreendedorismo se assentava em tarefas criativas, inovadoras e/ou vinculadas às tradições periféricas, produzindo ações lícitas e locais que as pessoas realizavam para resolver ou atenuar as injustiças e intolerâncias sociais, territoriais, étnicas e religiosas. Era um empreendedor a pessoa e/ou grupo que reconhecia e se conscientizava das injustiças e das apartações que as vitimavam, e que eram geradas pelas intolerâncias sociopolíticas, territoriais e culturais e religiosas, e desse patamar criavam mecanismos institucionalizados para resolvê-los e/ou enfrentá-los pela produtividade ou friccionalmente.

A ideia de empreendedorismo para José de Souza Marques também incluía as iniciativas existenciais e atitudes tomadas com a intencionalidade definida na direção de diminuir as injustiças e intolerâncias simbólicas, sociais e territoriais.

Para ele, o empreendedorismo institucionalizado visava a maximização do empoderamento das pessoas – individualmente e/ou em grupos – em relação a confiança, respeito, coragem e reconhecimento para fazer mais e mais iniciativas de institucionalismos experimentalistas e ações que os permitiriam transmutar as ambiências das favelas, grupos de interesses, das segundas cidades e não cidades, no Rio de Janeiro e no Brasil dos excluídos do desenvolvimentismo carioca e brasileiro da época.

Souza Marques fez essas movimentações de institucionalismos periféricos tornarem-se mecanismos de eficientes e eficazes avanços tecnológicos de disseminação de motivações psicossociais e existenciais, de sucesso, mobilidades e capacidades periciais e técnicas de racionalidade produtiva, articulando e aliançando grupos diferentes para friccionar-se via produtivismo, institucionalização e participação popular nas múltiplas arenas políticas, amplificando e dando visibilidade aos não cidadãos, apartados e injustiçados social e

territorialmente. Que, empoderados em suas identidades, com suas instituições periféricas e empreendedoras produtivistas- utilitárias, entravam em permanente fricção com as elites aristocratizadas e ociosas do rentistas.

O experimentalismo institucional, o solidarismo e o empreendedorismo periférico das segundas cidades aliado às ações de fricção sociopolítica e territorial constituíram-se em uma estratégia singular de afirmação individual/grupal e reconhecimento social, geopolítico e simbólico; ao mesmo tempo que representava a criação de *loci* de Resistência²⁴ e contrapoder para com os dominantes “oficiais” da primeira cidade , a “Cidade Única”, que se expressavam e se localizavam no Centro afrancesado da cidade, da Zona Sul e a região da grande Tijuca/Grajaú.

Ao observar como se estrutura e funciona o SEBRAE²⁵, suas atividades de capacitação, treinamento e educação continuada para empresários individuais, micros, pequenos e médios – e de maneira focada e pormenorizada o programa de incentivo e capacitação tecno-motivacional para fazer das pessoas empreendedoras – eu vislumbro e recordo as palavras incentivadoras de José de Souza Marques para seus alunos e alunas. Não posso afirmar o que não pesquisei, mas intuo que muitos dos que pensaram o formato, os ideários e as atividades do SEBRAE do tempo presente podem ter sido alunos dele e/ou terem sido socializados com valores éticos, morais e políticos nas vastas redes de institucionalidades experimentais territorizadas nas “segundas cidades” e “não cidades”, nos grupos de pertencimento e auto reconhecimento e/ou nas muitas redes de sociabilidades de indivíduos periféricos cariocas, fluminense e brasileiros.

Associo igualmente ao atual programa de crédito imediato do BNDES para empresários individuais, micros, pequenos e médios as ideias de empreendedorismo, produtivismo e utilitarismo institucional de José de Souza Marques.

O perfil político, profissional e acadêmico de uma liderança local, como foi José de Souza Marques, passa necessariamente pela apropriação e legitimação de uma ideia chave, a

²⁴ GALVÃO, O. M. R. **A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos:** um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGS/IFCS/UFRJ, Mestrado em Sociologia, agosto/95.

²⁵ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

de que seu ativismo é um patrimônio imaterial, histórico, político e ideológico. Passa igualmente pelo reconhecimento de que o ator social focado na análise exerceu, em um determinado tempo e espaço, uma autoridade propagadora de valores transcendentes a seu tempo histórico, e de que seus discursos, práticas, legado, memória social se transformaram em instituições formais e/ou informais para muitos segmentos da hierarquizada e plural sociedade brasileira, assim como para o Estado Nacional no Brasil.

A ênfase dessa reflexão é o pensamento social e político de uma liderança local do Rio de Janeiro no século XX, com a intenção de promover a identificação, descrição, análise e avaliação da trajetória de vida dessa liderança local e regional do antigo Distrito Federal e Estado da Guanabara, realçando José de Souza Marques como um estrategista e liderança nacional. O impacto de sua ação formatou subjetividades coletivas, identidades sociais e instituições com alcance político-estratégico para muito além do tempo histórico de suas ações, atitudes e realizações no antigo Distrito Federal, no Estado Federado da Guanabara e no Estado Nacional Brasileiro. De maneira focada, essa reflexão sobre as ações e o pensamento de José de Souza Marques tem como meta promover um olhar sociológico sobre José de Souza Marques, como afrodescendente pioneiro nas lutas contra as intolerâncias, as injustiças e ao que se denomina hoje de ações afirmativas.

José de Souza Marques era um obsessivo e determinado combatente pelas mobilidades e ascensões sociais via educação de qualidade e trabalho digno, seja ele assalariado ou produtor, pelas plenas liberdades e pela radical diminuição da desigualdade social do povo brasileiro. Souza Marques era um corajoso combatente contra os mandonismos, o autoritarismo político e social e o coronelismo urbano e rural. É sempre bom enfatizar sua interlocução permanente com Vitor Nunes Leal, Álvaro Viera Pinto, Guerreiro Ramos e Roberto Lyra Filho.

Para dar sustentação a seu ativismo social e político, José de Souza Marques aprendeu minuciosamente as estruturas e funcionamentos do Estado Brasileiro, seu sistema político²⁶ e o federalismo à moda brasileira com um Poder Executivo bastante forte e centralizador.

²⁶ CERQUEIRA FILHO, G. A “Questão Social” no Brasil – crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

Para ele isso foi simples de aprender nos cursos de Teologia Batista do Colégio Batista da Tijuca e na Faculdade de Direito hoje localizada na UERJ, onde conheceu e foi aluno de Roberto Lyra Filho.

Mas isso não bastava para, como militante social, atuar e produzir uma práxis política eficaz e eficiente na realização de conquistas para os pobres, injustiçados, estigmatizados²⁷ e vitimizados pelas intolerâncias de uma sociedade hierarquizada e impermeável às mobilidades sociais²⁸; e, sobretudo, que fosse capaz de criar mecanismos institucionalizados de infiltração de indivíduos e grupos sociais apartados e invisibilizados na estrutura do Estado brasileiro, nos governos e na Primeira Cidade, além de fazer das segundas cidades e não cidades territórios de incluídos e classificados como cidadãos respeitáveis, reconhecidos e visíveis socialmente.

Era necessária uma teoria social e política de compreensão da sociedade brasileira, conhecer como se estruturava de fato a sociedade das vidas vividas, a sociedade real dos afetos socializados e não a narrativa oficial-ficcional.

Fazia-se necessário conhecer muito bem o mundo da vida cotidiana de milhões de seres humanos. E desse lugar de entendimento traçar metas, objetivos, táticas e estratégias de ação e lutas para empoderamento dos segmentos desclassificados e excluídos do Brasil.

José de Souza Marques, em conversas comigo nos anos 1965/70, definia para mim a sociedade brasileira como sendo estamental, de castas e escravista. Com um sistema político prático informal absolutista, feudal e hierarquizado por castas de mandonistas e coronéis urbanos e rurais, que eram os donos da Sociedade e do Estado em uma simbiose elitista, totalitária, perversa e excludente. Vêm desse entendimento a admiração e interlocução com Vitor Nunes Leal – sobre mandonismos e coronelismos – e com Roberto Lyra Filho, que formulava a constatação de que existiam muitos sistemas de justiça e direitos paralelos e em competição com o ordenamento jurídico formal e oficial do Estado brasileiro, que o mesmo conceituava como “direito achado na rua”²⁹.

A sociedade brasileira simbiótica ao Estado produzia desigualdade social e ao mesmo tempo

²⁷ GOFFMAN, E. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Terra, 1988.

²⁸ MORSE, R., op. cit.

²⁹ LYRA FILHO, R. **O que é Direito**. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2006.

jurídica, naturalizando e legitimando as intolerâncias, as estigmatizações, as injustiças e os extermínios físicos e simbólicos de milhões de seres humanos nas múltiplas periferias das segundas cidades e não cidades.

Educador, humanista cristão não católico, jornalista, radialista, empresário, advogado, liderança maçom, pastor batista, militante social e parlamentar republicano trabalhista. José de Souza Marques era neto de escravos, filho de trabalhadores humildes - pai marceneiro e mãe lavadeira - nascido na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro em 1893, e criado, dos dois aos dezessete anos, no distrito de Pinheiral, no município de Volta Redonda. Retornou ao Distrito Federal aos dezessete anos de idade, sem escolaridade, semianalfabeto, e prático nas artes da marcenaria e carpintaria, que aprendera com o pai. Faleceu em 1974, como Deputado Estadual da Guanabara pelo MDB, um dos pioneiros no estabelecimento de políticas públicas focadas no combate à desigualdade social, as intolerâncias, ao racismo e na promoção de ações pontuais do que se chama no tempo presente de políticas de ação afirmativa, que objetivavam criar mecanismos de inclusão e mobilidade social para jovens nascidos nos subúrbios periféricos e nas favelas, assim como para jovens pobres de ambos os性os, com ênfase nos afrodescendentes e todos os pobres da Cidade do Rio de Janeiro, e o espalhamento dessas políticas de inclusão, empoderamento e ascensão socioeconômica por todo o território brasileiro.

As questões acima mencionadas tomaram forma a partir de minhas reflexões no campo dos estudos multi e interdisciplinares da ciência política e da sociologia das Cidades, tendo como âncora teórica as idéias de Carlo Ginzburg³⁰ e Maurice Halbwachs³¹, para quem as lembranças sociais e as trajetórias de vida são construções sociológicas e históricas elaboradas no tempo presente; a história é pensada e descrita com novos significados ao se olhar do hoje, do tempo presente para o passado, a partir da interação entre os indivíduos – enquanto atores sociais de cenários territoriais, geográficos e sociais específicos por sua datação histórica – que, entretanto, procuram manter coesão e consenso não apenas no tempo

³⁰ GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais** – morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

³¹ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

histórico vivido, mas em suas reinserções políticas, simbólicas e afetivas na contemporaneidade da vida do agora, do hoje.

Minha experiência como pesquisador social revelou uma variável que em verdade é uma constante, as permanentes invenções de tradições e reconstruções do passado são processo seletivos, que indicam o estabelecimento de um campo de disputas pelo capital afetivo, político, ideológico e simbólico, com contextualização das lembranças e memórias sociais reconstruídas, negociações dos silêncios, omissões e dominações de determinados segmentos sociais, micro e macro, sobre outros que, por sua vez, mantêm em estado latente suas histórias. As leituras de Pierre Bourdieu³², Eric Hobsbawm³³, Michel Pollak³⁴, Gizlene Neder³⁵, Carlo Ginsburg³⁶, Maria Luiza Penna³⁷ e Olivia Galvão³⁸, dentre outros, permitiu ampliar o meu entendimento sobre o contexto territorial, cultural, ideológico e político que se me apresenta no empirismo do trabalho de pesquisa social em campo; enfim, dar conta das particularidades dos cenários e do ator social analisado, destacando que junto ao analista estão também o aluno, amigo e admirador de José de Souza Marques.

Subjetividade, emoções, imaginário, afetos, lembranças e memórias individuais e coletivas são essenciais na constituição de identidades e representações coletivas. Esse processo de socialização e construção social cotidiana foi essencial para minha compreensão e reflexão sobre José de Souza Marques. Acredito que ao contextualizar esse processo comprehendi com novos olhares o momento da sociedade carioca, fluminense e brasileira dos dias de hoje, onde se constrói e reconstrói em um contínuo identidades coletivas nas quais as experiências, as vivências e o conhecimento do passado são determinantes relativizadoras dessas dinâmicas históricas do tempo presente e do tempo passado revisitado.

³² BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

³³ HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

³⁴ POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, v.2, nº3, Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, 1989, p.3-15.

³⁵ NEDER, G. “Cidade, Identidade e exclusão social”. In: **Tempo**. Vol 2, nº 3. pp. 106-134. Rio de Janeiro, 1997.

³⁶ GINZBURG, C., op. cit.

³⁷ PENNA, M. L. **Luiz Camillo**: perfil intelectual. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

³⁸ GALVÃO, O. M.R., op. cit..

Nos processos da história individual e coletiva, a reconstrução se dá em um espaço de disputas, negociações, exclusões e dominações. Pensar tal questão a partir de Stuart Hall³⁹ possibilitou-me uma contextualização com elevado nível de consistência empírica, me permitindo compreender a lógica das ações, tensões e intenções da trajetória de vida de José de Souza Marques.

Um elemento que contribui para analisar os processos de constituição das dinâmicas sociais - micro e macro - coletivas e identidades é a articulação, reunião e analogias que fiz dos relatos, fatos, documentação e objetos que configuram quase que uma "narrativa épica" ou uma "telenovela". O processo de seleção dos documentos, fatos, relatos e objetos – e construção de um discurso político, social e ideológico a partir deles – se revela um elemento importante na consolidação de identidades – individuais e coletivas – e na construção e legitimação da história de vida de José de Souza Marques, especialmente no caso de grupos e indivíduos comprometidos com um projeto de reconhecimento, valorização, demanda por direitos e preservação da história de vida de José de Souza Marques como um patrimônio imaterial e um bem ético-moral da nacionalidade brasileira.

A sociologia política histórica e identidade social e nacional, enquanto construções serão, portanto, representadas, reconstruídas e preservadas como patrimônio imaterial, intelectual, político e ideológico dos legados institucionais, pessoais, políticos e afetivos do personagem focado nessa análise e reflexão.

Vale ressaltar que tanto a constituição de uma trajetória de vida particular quanto a apropriação de um contexto social, territorial e político são processos que revelam uma função mediadora entre o visível e o invisível, resultado do deslocamento espacial – do econômico e utilitário para o espaço dos desejos, interesses de natureza política e ideológica – e de ressignificações⁴⁰. Além disso, são também o conjunto de práticas sociais e culturais por meio das quais se constituirão e se transformarão⁴¹.

³⁹ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

⁴⁰ POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1, Memória e História. Edição Portuguesa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, p. 51-86.

⁴¹ GONÇALVES, J. R.S. Coleções, museus e teorias antropológicas reflexões sobre o conhecimento etnográfico e visualidade. In: **Cadernos de antropologia e Imagem**, nº8, Rio de Janeiro, 1999, p.21-34.

Compreendo o discurso da cultura política da tradição e dos ideários como vestígios, sinais, indícios, enquanto reconfiguração da tradição inventada pelo Estado no Brasil do tempo presente, levando em consideração sua tendência à formalização e a ritualização⁴² – através de práticas e políticas públicas e seus instrumentos específicos, como as políticas de ações afirmativas e inclusão social, de 1983 até os dias atuais – e a maior probabilidade de negociação por parte de atores sociais e políticos envolvidos⁴³. As demandas por direito e reconhecimento social⁴⁴, quaisquer que sejam as suas categorias – históricas, sociais, culturais, ideológicas e políticas – têm como função tentar integrar e também representar a nação brasileira, mesmo que de forma fragmentada e estigmatizada; seriam, portanto, uma alegoria⁴⁵ da nação, composta de fragmentos, de vestígios, de ruínas no sentido que lhe é atribuído por Walter Benjamin⁴⁶.

Nesta reflexão e análise, evidenciei a educação e o trabalho como valores éticos, morais, políticos e utilitários para dar suporte às pelejas e fricções das demandas por direitos individuais, coletivos e difusos na perspectiva interpretativa que estabeleci sobre a trajetória da vida pública e militante de José de Souza Marques. Recontextualizei esses valores e práxis do experimentalismo institucional e existencial do ator social focado redimensionando seus sentidos no tempo passado pelo tempo presente com novos olhares, novas emoções e teorias multidisciplinares e conceitos contemporâneos. Epistemologicamente mesclei perspectivas clássicas da sociologia com teses e conceitos dos dias de hoje, com a intencionalidade de promover fricções com outras ressemantizações e outras narrativas sobre o mesmo ativista social focado por mim nessa reflexão. Porém meu principal objetivo comprehensivo da vida pública e política de José de Souza Marques foi o de estabelecer um radical rompimento com as regularidades hegemônicas e classificadoras na promoção de esquecimentos e silêncios. Da mesma forma, procurei evidenciar que a trajetória de vida militante de José de Souza Marques é de um localismo universalizante para a população brasileira e para o estudo dos eventos e fenômenos sociais da sociedade e no Estado brasileiro. Procurei na pesquisa

⁴² HOBSBAWM, E., op. cit.

⁴³ BAÍA, P., op. cit.

⁴⁴ HONNETH, A. op. cit.

⁴⁵ GONÇALVES, J.R.S. *A retórica da perda*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2002.

⁴⁶ BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

empírica tipificar a “persona” e as “performas”⁴⁷ de José de Souza Marques como um paradigma emblemático de múltiplas e diversificadas nacionalidades brasileiras e identidades emergentes que ganharam voz, imagens, reconhecimentos e sobretudo direitos ascensionistas e inclusivos à cidadania brasileira no tempo presente. Evidenciei que a trajetória de vida de José de Souza Marques, seu ativismo produtivista de experimentalismos existenciais e institucionais, ganhou concretude jurídica e política efetiva no agora. Portanto, seu pensamento social e político obteve força de perenidade devido as práxis e mecanismos de Estado, de governo e da sociedade brasileira em suas performances cotidianas plurais nos dias atuais.

Procurei realçar que as reivindicações por direitos individuais, coletivos, difusos e sociais do passado estão consagrados e vitoriosos no tempo presente.

Dessa forma, elaborei uma narrativa sociológica e uma compreensão teórica acadêmica ancorada em uma vasta e precisa pesquisa empírica, que promove uma exclusão dos silêncios sobre a vida pública e o ativismo político original criativo de um estrategista como José de Souza Marques, ao mesmo tempo e compasso que produzia o expurgo da invisibilidade e o esquecimento seletivo sobre a coragem cívica⁴⁸, o patriotismo e o heroísmo singelo e cotidiano de uma figura heróica para milhões de pobres, trabalhadores, empreendedores produtivistas, injustiçados e vitimizados pelas intolerâncias e perversidades do tempo passado em que diversidade e diferenças eram tratadas e consideradas como “anormalidades” e/ou crime. Esses eventos e performances vinculados à trajetória de vida pública de José de Souza Marques, e outros não listados ou citados nessa reflexão e análise, fazem surgir a necessidade de redimensionarmos a trajetória de vida de muitos outros brasileiros anonimizados que com sua práticas, ações e ativismo foram construtores do Brasil do tempo presente.

O discurso sobre a trajetória de uma vida e as discussões sobre seu valor e sobre a importância de sua preservação e projeção para o futuro surgem dentro de um contexto de destruição, de perda. Novos líderes, nova ordem democrática necessitam, então, de

⁴⁷ GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

⁴⁸ PUTNAM, R.D. *Comunidade e democracia – a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

legitimação e de referência em um passado reinventado, ressemantizado e recontextualizado historicamente. As demandas por reconhecimento social e por direitos no Brasil do tempo presente, promovidas por pobres urbanos, estabelecem um momento privilegiado e uma dinâmica sociopolítica de reestruturação, de consolidação de nacionalismos pontuais e regionais, de disputas mais acirradas pelo capital simbólico, material, econômico, político, ideológico e afetivo de lutas, fatos, eventos, personagens e conflitos. Momento novo, que necessita de signos referenciais para assegurar um sentimento de pertencimento⁴⁹ e que sejam, por sua vez, reapropriados e ressemantizados por diversos movimentos sociais, segmentos populares e militantes políticos em disputa por micro e macro hegemonias no território nacional brasileiro.

Daí por diante, serão tempos de estabelecimento dos paradigmas sempre renovados das ciências humanas modernas, dos seus campos específicos, de interseção disciplinar e limites epistemológico-cognitivos. Épocas de aceleração do tempo, encurtamento das distâncias, novos olhares, novas tecnologias. As crises, oportunidades, prazeres e desencantos sociais e individuais decorrentes da crescente e vertiginosa mundialização em tempo real dos conhecimentos produzem influência sobre a construção de um ou múltiplos novos olhares, ressemantizações de representações, muitas vezes com formatos e sentidos paradoxais. A experiência, a vida vivida, disputa lugar com a informação, a versão verossímil e os boatos, via imprensa⁵⁰. Informa-se e não se vive⁵¹. Comunidades procuram ressemantizar os discursos, as falas, resgatar e manter suas lembranças reconfiguradas, para não perdê-las. As pedras são restauradas nos sentimentos, nas paixões, nos afetos para reconstruírem cenários, enredos e dramas de memórias, em perigo pelo processo de homogeneização cultural manufaturada midiaticamente pela sociedade do espetáculo⁵² – que já se vislumbrava no século XVIII com as celebrações – e pela reestruturação contínua do espaço físico da cidade

⁴⁹ SANTOS, B.S; MENESSES, M.P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo, Editora Cortez, 2010.

⁵⁰ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas** – magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁵¹ WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília: UNB, 2004.

⁵² DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

do Rio de Janeiro em espaços europeus, espaços quilombolas⁵³, segundas cidades e não cidades.

Os guardiões da memória ou estão mortos ou não têm quem lhes ouça; são todos andarilhos nas cidades europeias, americanizadas, quilombolas e segundas cidades da Região Metropolitana Fluminense. A memória não seria mais vivida; não há ninguém para ouvir as últimas palavras e a experiência de um moribundo nas frias e impessoais avenidas e rotas cibernéticas, televisivas, cinematográficas e visuais do aqui e agora.

É nesse contexto que Gizlene Neder⁵⁴ e Pierre Nora⁵⁵ identificam o surgimento dos lugares de memória – espaços físicos e simbólicos, como locais, arquivos, bibliotecas, livros, fotos, objetos, instituições e celebrações – que garantem ativamente a sobrevida de fragmentos, vestígios, ruínas do tecido social que são a lembrança restaurada como reconstruída, uma tentativa de assegurar não só o sentimento de reconhecimento e pertencimento, mas de continuidade de um passado afetivo, político, ideológico e cultural de tradições reconfiguradas também. A criação e preservação desses lugares da memória irão refletir na formatação de uma lógica de lutas políticas por reconhecimento social, demanda por direitos, ressignificação e ressemantização dos falares e discursos. Assim é com José de Souza Marques na Igreja Batista, nas escolas que fundou ou ajudou a formar, nas lojas maçônicas e na sede da maçonaria do Rio de Janeiro no Centro afrancesado da primeira cidade, nas centenas de igrejas, de associações comerciais e industriais das segundas cidades e não cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro no tempo presente.

Vale abrir um parêntese e ressaltar que a construção de um discurso sobre uma trajetória de vida que caracterize o pensamento social e político de José de Souza Marques representa a mensagem de um patrimônio imaterial, histórico e ideológico, que pode ser apropriado por múltiplos e diversos movimentos sociais, resultando no surgimento de diversos lugares sociais de memória – onde será possível observar um processo de

⁵³ NEDER, G. op. cit.

⁵⁴ NEDER, G. op. cit.

⁵⁵ NORA, P. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. In: *Revista História*, nº 10, São Paulo: PUC, 1993, p.7-28.

negociação para a construção de novos discursos⁵⁶ silenciados pelas hegemonias políticas do tempo passado, muito embora diversos elementos dessas narrativas sejam coercitivos – que vão procurar atender as demandas sociais de cada época. Tal discurso constitui-se a partir de algumas noções, como autenticidade, heroísmo, excepcionalidade e tradição na formação de subjetividades, imaginários e ideais de nacionalidade brasileira.

Finalmente, vale ressaltar que a construção de um discurso acadêmico-sociológico da trajetória de vida de José de Souza Marques, assim como de outros líderes locais e regionais, desvelando seus pensamentos sociais e políticos, representa uma estratégia da qual fazem parte intelectuais e militantes políticos sociais comprometidos com um projeto coletivo⁵⁷ de uma República democrática que visa construir uma nova representação social e política da nacionalidade brasileira. As considerações de Halbwachs, Gizlene Neder, Gisálio Cerqueira, Eli Napoleão, Carlo Ginzburg e Lívia Buxbaum⁵⁸ acerca das representações sociais e memórias políticas construídas em um quadro social determinado pelo silêncio e pela invisibilidade promovidos pelo Estado ibérico e branco no Brasil podem lançar luzes à análise das especificidades desse processo de construção de uma nova nacionalidade brasileira⁵⁹, que efetivamente seja multiétnica e pluricultural, ao trazer como protagonistas os silenciados e invisíveis da memória nacional, bem como das categorias constituidoras do discurso acadêmico e político hegemônico que construiu e deu visibilidade à idéia, ao imaginário, à memória e às lembranças fabricadas de uma nação mansa, ordeira, pacífica, não violenta, legalista, onde o racismo, a discriminação e o preconceito não existem, com coesão e o consenso de uma população de milhões de brasileiros "iguais".

⁵⁶ Compreendidos aqui a partir de sua relação estreita com os grupos dominantes, de valores como civilização e cultura e da intenção de representação de uma totalidade. GONÇALVES, J.R.S. “Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso”. In: **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁵⁷ GUERREIRO RAMOS. **Introdução crítica à sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

⁵⁸ HALBWACHS,M., op. cit.; NEDER, G., op. cit.; CERQUEIRA, G., op. cit.; GINSBURG, C., op. cit.; DINIZ, E. **Voto e máquina política**. São Paulo: Paz e Terra, 1982; BUXBAUM, L. **Estratégias de Comunicação de Favelados no Processo de Integração Social e Construção de uma Cidadania Plena na Cidade de Rio de Janeiro** (Monografia). LEG/UFRJ, 2010.

⁵⁹ DOMINGUES, J.M. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

A escolha do objeto para desenvolver a temática proposta partiu de algumas de suas características: a percepção da influência de José de Souza Marques em minhas escolhas profissionais, políticas e ideológicas; sua identificação como um guardião da memória de afrodescendentes que ascenderam socialmente no Brasil e, por um período determinado, obteve a colaboração da comunidade local; as Zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Souza Marques, a Faculdade Souza Marques, a maçonaria, templos da Igreja Batista, associações comerciais e industriais da Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense, o Parlamento como lugares de memória, assim como centenas de micro e pequenas empresas que existem e se nutrem das ideias de empreendedorismo, prosperidade e sucesso da ética de trabalho protagonizada por José de Souza Marques como empresário, pastor batista, educador e líder político local, ao mesmo tempo que universal.

Sendo assim, este estudo buscou analisar a trajetória de vida de José de Souza Marques, suas propostas políticas e práticas de construção de uma cidadania dirigida para pobres, periféricos, suburbanos, afrodescendentes e diferenciados culturais e afetivos, a dinâmica de apropriação do republicanismo trabalhista via Igreja Batista, maçonaria e ideia religiosa norte-americana. Como objetivos específicos, a reflexão procurou analisar as relações entre indivíduo, sociedade e instituições de cultura política e ensino nos caminhos da trajetória de José de Souza Marques; identificar os valores, ideologias, desejos, interesses e projetos, assim como os significados atribuídos a José de Souza Marques ao longo de sua vida; investigar sobre as ações de memória produzidas por José de Souza Marques – uma autobiografia e um livro intitulado '*Pensamentos para você pensar*'; e ao estudar depoimentos, fatos, versões e eventos, analisar a relação da comunidade local com os espaços, procurando identificar se o Colégio e a Faculdade Souza Marques são *loci* de práticas de construção e consolidação de um sentimento de reconhecimento político e social de José de Souza Marques e para pobres e afro-descendentes; analisar o conjunto de representações que compõe o discurso múltiplo de José de Souza Marques; compreender o processo de institucionalização de um acervo particular consorciado com arquivos privados como a Maçonaria e públicos de estado e governo, como os da ALERJ, da Biblioteca Nacional, Arquivos Públicos Nacional, Estadual e Municipal, ao compor um panorama da

preservação de sua trajetória de vida como um patrimônio imaterial e histórico do Rio de Janeiro e do Brasil.

Procurei compreender a trajetória de vida de José de Souza Marques a partir de alguns pressupostos, a saber:

1 – a construção e os sentidos do discurso humanista, cristão não católico, político, ideológico e social configura um processo de invenção de uma nova tradição, pautada na busca pelo consenso sobre algumas questões, como a importância da mobilidade social, a luta contra o racismo, a educação como valor republicano, a proteção social de pobres e afro-descendentes como valores patrimoniais afetivos e simbólicos relacionados às elites – e a sua capacidade de representar, de simbolizar a nação como uma totalidade;

2 – os usos, apropriações e valorizações da trajetória de vida de José de Souza Marques revelam relações de poder, e conflitos aparentes envolvendo distintos segmentos sociais na cidade do Rio de Janeiro como capital da República e no Estado da Guanabara;

3 – os distintos segmentos sociais envolvidos no processo revelam um conflito entre interesses, de ordem ideológica, política, cultural, econômica, simbólica e afetiva;

4 – como militante político, religioso, educador e líder local envolvido com um processo civilizador e pedagógico, tem um controle maior sobre os sentimentos e, por isso, pode determinar estrategicamente os usos políticos e ideológicos na sociedade carioca e fluminense a que tem acesso e influência;

5 – as transformações ocorridas no discurso político e social na atualidade seriam decorrentes de ações do tempo passado de lógica política e ideológica intencional e prospectiva, isto é, para legitimar a aquisição de poder e prestígio de determinada parcela da população carioca, fluminense e brasileira composta por pobres, suburbanos e afro-descendentes;

6 – o passado é resultado do acúmulo de experiências, onde há espaço para ação, coerção e negociação, partindo da noção de estruturas estruturadas e estruturantes⁶⁰;

7 – para compreender as possibilidades e práticas de apropriação e ressignificação das trajetórias de vida por parte da sociedade e do Estado no Brasil do tempo presente, procuro

⁶⁰ BOURDIEU, P. op. cit.

orientação a partir dos trabalhos de Gizlene Neder, Gisálio Cerqueira, Lívia Buxbaum, Maria Luiza Penna⁶¹, Eli Napoleão, José Reginaldo Gonçalves, Márcia Contins⁶², Joel Rufino⁶³, entre outros.

O estudo pretende contribuir com dados e reflexões para o enriquecimento das discussões acerca da temática da intolerância, desigualdade social, pobreza, mobilidade social, republicanismo, educação, empreendedorismo, relações interétnicas, racismo e políticas de ações afirmativas no Brasil do tempo presente. Analisei cuidadosamente o modo e as condições como uma estratégia de vida contribuiu para que diferentes setores da sociedade carioca, fluminense e nacional interagissem como agentes de mudanças pontuais nos governos federal, estadual e municipal, na educação, no mundo do trabalho, nas políticas públicas, nas comunidades locais, dentre outros. Esse estudo, mesmo limitado nos paradigmas da linha de pesquisa, estabeleceu conexões interpretativas que buscaram revelar os múltiplos papéis de uma trajetória de vida como patrimônio imaterial, político e histórico, gerador de apropriações e ressemantizações por parte de múltiplos grupos envolvidos, uma vez que partiram de uma perspectiva comprensiva em que se priorizou a análise dos conflitos, disputas, hierarquizações e exclusões que fazem parte dos processos de constituição e legitimação de pobres, suburbanos e afro-descendentes, em uma sociedade e Estados altamente hierarquizados e excluientes. Compreendo o desenvolvimento do tema a partir de uma perspectiva sociológica e política preocupada em caracterizar e analisar as relações entre os distintos segmentos sociais envolvidos no contexto estudado, a trajetória de vida de José de Souza Marques.

Parto da perspectiva de Clifford Geertz, para quem a compreensão das construções coletivas, transmitidas historicamente, só pode ser feita a partir da malha de significados que a sociedade produziu⁶⁴. Procurei em tempo contínuo interpretar o processo de construção e apropriação de um determinado sistema de concepções.

⁶¹ PENNA, M.L. op. cit.

⁶² CONTINS, M. Espaço, Religião e Etnicidade: um estudo comparativo sobre as representações do Espírito Santo no Catolicismo Popular e no Pentecostalismo. In **Religião e Espaço Público**. Rio de Janeiro: Attar, 2003

⁶³ SANTOS, J.R. **Épuras do Social** - Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global Editora, 2004.

⁶⁴ GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

A partir da análise que efetuei, indico que estudar a dinâmica da vida social, política e cultural de uma personalidade como José de Souza Marques, teve por objetivo maior desenvolver tanto a educação cidadã quanto o republicanismo democrático, além de estreitar o contato com comunidades múltiplas e diversificadas por meio de um discurso acadêmico que valoriza um fazer cotidiano que perde adeptos dia a dia, mas que contribui para pensar outras questões pertinentes, como o papel das lideranças locais, educadores e militantes sociais nos processos de construção de identidades, memórias e representações coletivas de uma nacionalidade brasileira e o papel de instituições como escolas, igrejas não católicas, a maçonaria, associações comerciais e industriais da Zona Norte e da Zona Oeste pobre da cidade do Rio de Janeiro, assim como uma rede de micro e pequenas empresas tocadas pela coragem de empreendedores individuais e/ou familiares tendo a ética do trabalho como eixo motivador para o sucesso, a prosperidade e o reconhecimento social como espelhos das múltiplas comunidades locais e *loci* de informação, instrução e construção de uma cidadania periférica aos padrões ibéricos brancos e excludentes, ao longo da história da sociedade e do Estado no Brasil dos séculos XIX a XXI⁶⁵.

No governo Luiz Inácio Lula da Silva um conjunto de incentivos foram dados às empresas individuais, às micro e pequenas empresas, via financiamentos do BNDES, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, bem como se implementaram modelos de simplificação no pagamento de impostos e regularização de empresas. No governo Lula as ideias de José de Souza Marques sobre empreendedorismo e ética do trabalho também ganham formato e inúmeras atividades por intermédio do SEBRAE.

A perspectiva do trabalho foi compreender o sentido atribuído a algumas categorias, a saber: trajetória de vida como patrimônio imaterial e histórico, memória nacional brasileira, memória local, memória histórica de invisíveis⁶⁶, anônimos e silenciosos, espaço urbano, território, Estado, sociedade e comunidades, dentre outras, para dar conta da caracterização e análise das reapropriações e ressemantizações das referidas categorias por parte dos diversos segmentos sociais que participam da trajetória de vida, reconhecimento e

⁶⁵ BAÍA, P., op. cit.

⁶⁶ PERROT, M. **Os excluídos da história** – operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

preservação da memória de José de Souza Marques como um bem de valor histórico para a nação brasileira no tempo presente.

Parto do pressuposto de que a trajetória de vida como patrimônio imaterial, político, ideológico e histórico é preservada não somente por algumas políticas públicas. O patrimônio e o legado de uma vida vivida é construído e preservado através de relações entre os distintos segmentos sociais que, dependendo do valor que atribuem a ele, dos seus interesses em relação a ele e dos sentimentos de afeto e pertencimento que ele lhes desperta, vão facilitar ou dificultar sua preservação. Como anteriormente mencionado, nessas relações é possível observar a construção de um campo de disputas, negociações, omissões, distorções, silêncio, boatos e exclusões, considerando os diversos interesses em jogo.

Sendo assim, quando observei e analisei as relações de sociabilidade, conflitos e negociações entre guardiões das memórias, militantes sociais, comunidades locais e de interesses e os lugares da memória foi uma tarefa, uma missão político-ideológica, que ultrapassou o campo do concreto, do dado material, escrito e documentado. Foi necessário buscar e identificar dados e informações que se encontram no campo da subjetividade, do imaginário, dos desejos e das escolhas, revelados pelos aspectos simbólicos das relações de sociabilidades entre os atores envolvidos nas disputas políticas, ideológicas, culturais, econômicas, simbólicas e afetivas. Nesse sentido, procurei orientado pelas ideias de Clifford Geertz, Gislene Neder, Gisálio Cerqueira Filho, Guerreiro Ramos e outros, interpretar os conjuntos de símbolos inseridos no contexto social e psicológico.

As entrevistas abertas foram realizadas por estudantes de ciências sociais e psicologia da UFRJ, supervisionadas pela jornalista e socióloga Lívia Buxbaum, com contemporâneos políticos, religiosos, com a maçonaria e com maçons que conheceram e trabalharam com José de Souza Marques, parentes e ex-alunos.

Tive longas conversas com o Deputado Federal Miro Teixeira, que foi amigo de José de Souza Marques, com suas filhas e neta. Também conversei com lideranças maçons e com Leonel de Moura Brizola⁶⁷.

⁶⁷ Em 1990, durante a campanha eleitoral para o Governo do Estado do Rio de Janeiro.

O historiador Peter Burke⁶⁸, sobre a obra de Norbert Elias, destaca que *a noção do cotidiano é menos precisa e mais complicada do que parece*. É quando a inerente subjetividade das fontes – sejam de natureza oral ou escrita – se nos apresenta. Todavia, como toda construção é uma interpretação variável, considerando seus pontos de partida, enfoques e questões mais ou menos relevantes, uma das metas a alcançar através da metodologia escolhida é colher as informações ditas, bem como as não ditas. Na pesquisa empírica com as fontes orais, procurarei observar aquilo que o narrador diz com palavras, com silêncios, com hesitações, com gestos mais ou menos marcantes, com o olhar – que a sabedoria popular nos indica ser o reflexo da alma – com o corpo, para captar algo que suas palavras não exprimiram.

Com efeito, para que a utilização das entrevistas abertas feitas pelos estudantes de ciências sociais e psicologia da UFRJ como método de pesquisa empírica neste trabalho obtivessem os resultados desejados nos objetivos da pesquisa, o método de observação participante foi fundamental. Isso foi feito por mim e acarretou em visitas constantes e permanências longas ao bairro de Cascadura, onde se localizam o Colégio Souza Marques, a Fundação Técnica Educacional Souza Marques e todo o acervo pessoal de José de Souza Marques, além de suas filhas, netas, netos e muitos amigos antigos. Miro Teixeira e Estela Souza Marques são as principais âncoras de minhas entrevistas em profundidade e das conversas mais abrangentes e pormenorizadas.

Além das referidas visitas ao bairro de Cascadura, ao longo da pesquisa tive conversas profissionais com religiosos da Igreja Batista do Engenho Novo, igreja que foi construída por José de Souza Marques e frequentada, até o tempo presente, por toda sua família. Também foram necessárias visitas frequentes ao Palácio Maçom da Rua do Lavradio, onde existe um "espaço de memória", um auditório denominado Salão Nobre Pastor José de Souza Marques e um retrato pintado a óleo de José de Souza Marques, que foi presidente do Superior Tribunal Maçom por décadas.

⁶⁸ BURKE, P. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Realizei visitas, conversas, entrevistas e consultas no Colégio Batista da Tijuca, onde José de Souza Marques se alfabetizou, trabalhou como faxineiro, inspetor de alunos, professor e vice-diretor. Consultei os arquivos da antiga Assembléia Legislativa do Estado Federado da Guanabara, hoje localizados na ALERJ; aos arquivos públicos do Município do Rio de Janeiro e ao Arquivo Nacional, sobre o período do Rio de Janeiro como Distrito Federal, e aos arquivos do Conselho Estadual de Educação e do Ministério da Educação; aos arquivos do Tribunal Superior Eleitoral e da Igreja Batista do Engenho Novo; a coleção de objetos, documentos, jornais e revistas, fotos em poder da família Souza Marques; aos arquivos do Colégio Batista da Tijuca.

A pesquisa foi realizada de março de 2008 até novembro de 2013.

Acredito que a técnica da observação participante e das conversas em profundidade foram fundamentais para a reunião de um conjunto de dados que me permitiu uma compreensão – com profundidade – acerca do universo da pesquisa e reflexão sobre a trajetória de vida de José de Souza Marques. Somente através do trabalho de campo foi possível identificar as transformações dos espaços geográficos físicos e simbólico da cidade do Rio de Janeiro devido à reestruturação do espaço urbano onde José de Souza Marques viveu e agiu, e como tal processo afetou as relações entre os múltiplos segmentos sociais em que José de Souza Marques circulou e interveio.

Para responder às questões norteadoras do estudo, foi necessário coletar – nas entrevistas temáticas e de vida, bem como durante a observação participante e as conversas profissionais em profundidade – dados acerca da vida, das ações, dos projetos e das práticas sociais, políticas, culturais, de lazer e outras de José de Souza Marques.

Para que a pesquisa obtivesse um corpo teórico que sustente as argumentações aqui discutidas, foi necessário um consistente estudo bibliográfico acerca da relação entre história de vida, história oral, observação e pesquisa documental nos processos de constituição de representações e identidades sociais; construção de discursos políticos, de educação, de nacionalidade, de políticas sociais e demandas por direitos, ideologias e relações sociais enquanto atores sociais em disputas e tensões. Para realizar esta etapa da pesquisa, fiz um

levantamento bibliográfico e documental sobre a temática em questão que revelou as relações estabelecidas entre os guardiões da memória e a trajetória de vida de José de Souza Marques.

Vale ressaltar que, para eleger as bases de um quadro referencial teórico capaz de desenvolver e responder às questões norteadores da pesquisa, foi necessário lançar-se a campo e recolher alguns dados acerca do objeto que me permitiram constituir um perfil preliminar. Sendo assim, para o estudo dos processos e práticas de constituição de uma trajetória de vida como um patrimônio imaterial, político, ideológico, cultural e histórico tive a perspectiva de dialogar com a tradição sociológica, antropológica e histórica dos estudos de memória, dinâmicas políticas, ideologia e análise de discursos, lançando mão dos discursos de Maurice Halbwachs, Gizlene Neder, Gisálio Cerqueira Filho, Carlo Ginsburg e Pierre Nora, uma vez que os autores nos apresentam a discussão da operação da memória enquanto reconstrução do tempo presente e fruto das relações sociais, sendo a memória, ao mesmo tempo, um processo constituído e constituidor. Esse processo lançou luzes para compreender e analisar os enquadramentos de memória e as memórias subterrâneas daqueles que perderam a disputa pelo espaço ou pelo capital simbólico; para compreender o contexto atual de valorização da memória e as práticas de patrimonialização imaterial cada vez mais presentes no país; para analisar a construção dos discursos sociológicos sobre memória – Malinowski⁶⁹; para compreender o discurso do patrimônio imaterial, intelectual e histórico enquanto construção sem, a princípio, conflitos e questionamentos aparentes – Ecléa Bosi, Stuart Hall, Gilberto Velho, Luis César Baía⁷⁰, Olívia Galvão, Lívia Buxbaum –, no sentido de articular especialmente as noções de memória, identidade, nação e trajetória de vida.

Para tratar da categoria lugar da memória – e compreender suas transformações e ressignificações – lancei mão das reflexões de Mary Douglas, Tereza Scheiner, Mathilde

⁶⁹ MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

⁷⁰ BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; HALL, op. cit.; VELHO, G. Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999; BAÍA, L.C.S. **Sala do artista popular**: tradição, identidade e mercado (Dissertação). UNIRIO, 2008;

Bellaigue, Neil Postman, Gizlene Neder, Edgar Morin, Zygmunt Baumann, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Roberto Cardoso de Oliveira⁷¹.

As categorias coleções e objetos foram pensadas com base em Marcel Mauss, Krysztof Pomian, Eli Napoleão, George Simmel, Walter Benjamin e Luiz Roberto Cardoso de Oliveira⁷².

Sociedade e comunidade foram categorias desenvolvidas a partir das considerações de Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Gisálio Cerqueira Filho, Guerreiro Ramos, Zygmunt Baumann, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Contardo Caligaris, Lavoisier Zizek, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, José Murilo de Carvalho e Antônio Cândido⁷³, para os quais o indivíduo, constituído pelo *campus*, irá disputar pelo capital simbólico e afetivo.

Finalmente, espaços e territórios, enquanto *loci* geográficos de hierarquizações, disputas e negociações, foram categorias desenvolvidas e amparadas nas considerações de

⁷¹ DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam.** São Paulo: Editora UNESP, 1998; SCHEINER, T.C.M. **Apolo e Dioniso no templo das Musas. Museu gênese, idéia e representações na cultura ocidental.** Dissertação de Mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1998; BELLAIGUE, M. O desafio Museológico. In: SCHEINER, T. **Textos reunidos.** Rio de Janeiro: Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro/Escola de Museologia, 2005; POSTMAN, N. A Ampliação do conceito de Museus. 1989. In: SCHEINER, T. **Textos reunidos.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Escola de Museologia, 2005; MORIN, E. **Cultura e Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972; BAUMANN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Jorge Zahar Editor, 2003; BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987; ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994; OLIVEIRA, R.C., op. cit.

⁷² MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Pedagógica Univ., 1973; POMIAN, K., op. cit.; DINIZ, E. N. op. cit.; SIMMEL, G. "A metrópole e a vida mental". In: Velho, O.G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 11-25; BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987; CARDOSO DE OLIVEIRA, L.R. **Direitos, Insultos e Cidadania** (Existe Violência Sem Agressão Física?). Série Antropologia/Departamento de Antropologia da UnB, Brasília, v. 371, n.371, p. 2-16, 2005.

⁷³ FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro, Globo Livros, 2006; NOGUEIRA, O. **Negro político, político negro:** A vida do Dr. Alfredo Casemiro da Rocha , parlamentar da República Velha. São Paulo: Edusp, 1992; CERQUEIRA, G, op. cit; GUERREIRO RAMOS, op. cit.; BAUMANN, Z. op. cit.; BOURDIEU, P. op. cit.; ELIAS, N. op. cit.; CALLIGARIS, C. **Hello Brasil.** São Paulo, Editora Escuta, 2000; ZIZEK, S. **Em defesa das causas perdidas.** São Paulo, Boitempo, 2011; RIBEIRO, D. **O processo civilizatório.** São Paulo, Cia. das Letras, 1998; FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos:** decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano, São Paulo, Global, 2003; CARVALHO, J. M.de. **Cidadania no Brasil.** O longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; CANDIDO, A. **Parceiros do Rio Bonito,** São Paulo, Ed. 34, 1989.

Milton Santos, Bernard Bachelet, Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Luiz César Queiroz Ribeiro, Paul Singer, Manuel Castells e Benício Vieira Schmidt⁷⁴.

Referências Bibliográficas

- BACHELET, B. **L'Espace**. Paris: PUF, 1998.
- BAÍA, L.C.S. **Sala do artista popular**: tradição, identidade e mercado. Dissertação (Mestrado) - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2008.
- BAÍA, P. **A tradição reconfigurada**: mandonismo local, municipalismo, lumpen-elite e cultura política. Tese (Doutorado) - Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.
- BAUMANN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Jorge Zahar Editor, 2003.
- BELLAIGUE, M. O desafio Museológico. In: SCHEINER, T. **Textos reunidos**. Rio de Janeiro: Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro/Escola de Museologia, 2005.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
-
- ⁷⁴ SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99; BACHELET, B. *L'Espace*. Paris: PUF, 1998; DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002; LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo, Moraes, 1991; RIBEIRO, L.C.Q. (Org) Hierarquização e diferenciação dos espaços urbanos. Coletânea Conjuntura Urbana. Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009; SINGER, P. Economia Política da Urbanização. São Paulo, Brasiliense, 1973; CASTELS, M. A questão urbana. São Paulo: Paz e Terra, 2000; SCHMIDT, B.V. Um teste de duas estratégias políticas: a dependência e a autonomia. Belo Horizonte, UFMG, 1970, dissertação (mestrado).

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BURKE, P. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BUXBAUM, L. **Estratégias de Comunicação de Favelados no Processo de Integração Social e Construção de uma Cidadania Plena na Cidade de Rio de Janeiro**. (Monografia) - LEG/UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- CALLIGARIS, C. **Hello Brasil**. São Paulo, Editora Escuta, 2000.
- CANCLINI, N.G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, nº 23, 1994.
- CANDIDO, A. **Parceiros do Rio Bonito**, São Paulo, Ed. 34, 1989.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, L.R. **Direitos, Insultos e Cidadania** (Existe Violência Sem Agressão Física?). Série Antropologia/Departamento de Antropologia da UnB, Brasília, v. 371, n.371, p. 2-16, 2005.
- CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTELS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, S. O. **Estado na preservação de bens culturais**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.
- CERQUEIRA FILHO, G. **A “Questão Social” no Brasil** – crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CONTINS, M. **Espaço, Religião e Etnicidade**: um estudo comparativo sobre as representações do Espírito Santo no Catolicismo Popular e no Pentecostalismo. In: **Religião e Espaço Público**. Rio de Janeiro: Attar, 2003.
- DANTAS, A. R. **A construção social da felicidade**. Lisboa, Edições Colibri, 2012.
- DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- DINIZ, E. **Voto e máquina política**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

DOMINGUES, J.M. Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

DOUGLAS, M. Como as instituições pensam. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FERNANDES, F. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Globo Livros, 2006.

FREYRE, G. Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano, São Paulo: Global, 2003.

GALVÃO, O. M. R. A Sociedade de Resistência ou Companhia dos Pretos: um estudo de caso entre os arrumadores do Porto do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGS/IFCS/UFRJ, Mestrado em Sociologia, ago./95.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GOFFMAN, E. Estigma – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Terra, 1988.

GOFFMAN, E. A representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GONÇALVES, J.R.S. A retórica da perda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 2002.

GONÇALVES, J.R.S. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre o conhecimento etnográfico e visualidade. **Cadernos de antropologia e Imagem**, nº8, Rio de Janeiro, 1999, p.21-34.

GONÇALVES, J.R.S. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, L. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: CNPq/FGV, 2002, p.108-123.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

GUERREIRO RAMOS. Introdução crítica à sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

GUERREIRO RAMOS. **Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo** (prefácio a uma sociologia nacional). Rio de Janeiro, 1954.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBSBAWM, E., RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da Servidão Voluntária**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo, Moraes, 1991.

LUTERO, M. e CALVINO, J. **Sobre a autoridade secular**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

LYRA FILHO, R. **O que é Direito**. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2006.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Pedagógica Univ., 1973.

MELLO E SOUZA, L. **Desclassificados do ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

MILL, J. S. **Utilitarismo**. São Paulo, Gradiva Publicações, 2005.

MORIN, E. **Cultura e Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MORSE, R. M. **O espelho de Próspero - Cultura e ideias na América**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

NEDER, G. “Cidade, Identidade e exclusão social”. **Tempo**, v. 2, n. 3. p. 106-134. Rio de Janeiro, 1997.

NOGUEIRA, O. **Negro político, político negro**: A vida do Dr. Alfredo Casemiro da Rocha, parlamentar da República Velha. São Paulo: Edusp, 1992.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, São Paulo: PUC, dez/1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, R.C. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terenás. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 2. ed. Revisada.

PENNA, M.L. **Luiz Camillo**: perfil intelectual. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PERROT, M. **Os excluídos da história** – operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, 1992, p.200-215.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v.2, n. 3, Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, 1989, p.3-15.

POMIAN, K. Coleção. In: **Encyclopédia Einaudi**. V. 1, Memória e História. Edição Portuguesa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, p. 51-86.

POSTMAN, N. A Ampliação do conceito de Museus.1989. In: SCHEINER, T. **Textos reunidos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Escola de Museologia, 2005.

PUTNAM, R.D. **Comunidade e democracia** – a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RACHLEFF, P. “Branquitude”: seu lugar na historiografia da raça e da classe nos Estados Unidos. In: WARE, V. (Org.). **Branquitude**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 97 – 114.

RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

RIBEIRO, L.C.Q. (Org) **Hierarquização e diferenciação dos espaços urbanos**. Coletânea Conjuntura Urbana. Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009.

SANTOS, B.S; MENESSES, M.P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo, Editora Cortez, 2010.

SANTOS, J.R. **Épuras do Social** - Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global Editora, 2004.

SANTOS, M. **Sociedade e espaço:** a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.

SCHEINER, T.C.M. **Apolo e Dioniso no templo das Musas. Museu gênese, ideia e representações na cultura ocidental.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) - UFRJ/ECO. Rio de Janeiro, 1998.

SCHMIDT, B.V. **Um teste de duas estratégias políticas:** a dependência e a autonomia. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1970.

SIMMEL, G. "A metrópole e a vida mental". In: Velho, O.G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 11-25.

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização.** São Paulo, Braziliense, 1973.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América.** Livro 1 – Leis e Costumes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VELHO, G. **Individualismo e cultura.** Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose.** Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.

VEZZULA, J. C. **Teoria e prática da mediação** Curitiba, J. C. Vezzula, 1998.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação.** Brasília: UNB, 2004.

ZIZEK, S. **Em defesa das causas perdidas.** São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido em: 30 mar. 2020.

Aceito em: 10 maio 2020.